

Chinhanganine combate e constrói

por Salomão Moyana, da A M

Cerca de 600 pessoas, refugiadas nos arredores da posição das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), em Chinhanganine, distrito da Moamba, na província do Maputo, edificam ali, neste momento, uma aldeia comunal. Ao mesmo tempo, desenvolvem-se acções intensas do Exército moçambicano, em coordenação com milicianos populares e povo, no sentido de restabelecer-se a tranquilidade na zona.

A segurança e estabilidade sociais naquela região deterioraram-se gravemente quando, em Janeiro de 1984, um grupo de bandidos armados, proveniente da zona de Muginge, Magude, ao norte da província do Maputo, invadiu a Aldeia Comunal Vigilância. O grupo assassinou, à punhalada, oito aldeões e um miliciano, destruindo em seguida as infra-estruturas da aldeia, e roubando os haveres da população local.

Depois desse crime que, por sua vez, representava o começo do banditismo no distrito da Moamba, os bandidos voltaram, poucos dias mais tarde, a atravessar o Rio Nkomati para a região de Chinhanganine, tendo encontrado na estação dos Caminhos de Ferro de Moçambique local, um comboio que seguia da cidade de Maputo para Magude, completamente lotado de passageiros, entre os quais, mineiros moçambicanos que regressavam da África do Sul.

«Lembro-me que isso aconteceu cerca das 18 horas do dia 6 de Fevereiro de 1984», disse-me, em Chinhanganine, o Secretário-Adjunto do Grupo Dinamizador e Comandante das Milícias Populares locais, Isaias Chirindza. Ele acrescentou que, «nesse ataque, os bandidos queimaram por completo o comboio e a maior parte dos seus passageiros».

Abandonando a cabeça, como que revivendo o massacre nesse dia praticado pelos bandidos, Isaias Chirindza adiantou que talvez em Maputo as autoridades tivessem números de quantos cidadãos morreram nessa calamidade. «Cá, muitos de nós não tivemos a coragem de os contar, eram muitos».

Depois da estação dos CFM de Chinhanganine, o alvo dos bandidos foi a estação dos CFM de Mangulane, a 12 quilómetros a sul da primeira. Ali, também, o bandido não distarçou a sua natureza: queimou a estação e rapidamente se dirigiu à localidade de Malengane, onde destruiu maquinaria agrícola e roubou comida no Bloco 3 da Machamba Estatal da Moamba, fugindo em seguida, para o seu esconderijo, em Muginge.

Estes foram os primeiros actos de banditismo armado no distrito da Moamba. Eles eram o resultado da infiltração de cerca de dois mil bandidos armados na província do Maputo, vindos directamente da África do Sul, que assim violava o espírito em que se construiu o Acordo de Nkomati assinado um mês depois.

Na altura, as Forças Armadas de Moçambique concentravam o grosso da sua força em zonas anteriormente afectadas, deixando as atrás apontadas sob a guarnição de pequenos efectivos de milicianos populares, localmente treinados e deficientemente equipados.

A chegada, nesse mês de Fevereiro, de efectivos das FPLM, reduziu consideravelmente o leque de crimes dos bandidos armados, tendo estes, passado a actuar em pequenos grupos de assalto aos carros e tractores que regularmente ligavam o distrito da Moamba ao de Magude.

À continuação da desestabilização física acrescentava-se a desestabilização psicológica: os bandidos espalharam panfletos na Aldeia Comunal Vigilância, e em Chinhanganine, dizendo que a população, que eles matavam, devia apoiá-los, porque estava para breve um Golpe de Estado Militar em Moçambique. Estas acções levaram a população da aldeia a abandonar as suas casas,

indo refugiar-se nas imediações das ruínas da estação dos CFM de Chinhanganine, sob a protecção das Forças Populares.

Juntamente com a população saída da «Vigilância», encontram-se refugiadas em Chinhanganine, populações provenientes de Malengane, Nhambi, Macanene e Majússe (distrito da Manhica). Essas populações chegaram àquela zona, antes da destruição pelas Forças Armadas, em Setembro do ano passado, da chamada «base provincial» dos bandidos, que estava instalada em Mbaúri, Mirona (Manhica) a menos de quatro quilómetros da linha de demarcação entre os distritos de Moamba e da Manhica.

Hoje, essas populações, em número que atinge 600 pessoas, estão a construir uma aldeia comunal ao pé da posição das Forças Armadas. Até à nossa chegada a Chinhanganine, a 18 de Fevereiro último, as populações apenas habitavam as suas casas durante o dia, e recolhiam, à noite, para a posição do Exército que as defendia de possíveis incursões dos bandidos.

Antes, as pessoas dormiam nas suas casas em construção, mas na noite de 19 de Dezembro passado, os bandidos atacaram, e mesmo se seis deles foram abatidos pelas Forças Populares, as populações decidiram cavar trincheiras ao lado dos seus soldados.

Contudo, o Comandante do Batalhão disse a 19 de Fevereiro, numa reunião pública com os soldados, que aquela situação de «as pessoas saírem das suas casas, para dormirem na Posição, enquanto há Exército, não é normal». Ele, que chegava pela primeira vez àquela região guarnecida pelas Forças do seu Batalhão, fez questão de traçar um programa de patrulhamento «até ao interior da floresta, para que dentro do mais curto prazo de tempo, estas pessoas durmam em paz nas suas casas».

As patrulhas reforçaram as condições de segurança, de tal forma que a 21 de Fevereiro, em reunião popular, o Comandante já pôde anunciar que, a partir daquela data, a população devia passar a dormir nas suas casas e «não mais misturada com os soldados na Posição».

Quando conversámos com a população de Chinhanganine, verificámos que ela é indispensável na luta contra bandidos, pois descobrimos existirem, no seu seio, numerosos conhecedores dos esconderijos dos bandidos armados, em virtude de haverem sido cativos daqueles. Para além disto, esses conhecedores da zona e da localização dos bandidos oferecem-se voluntariamente ao Comando das Tropas ali estacionadas para irem indicar os tais acampamentos.

Ananias Chirindza, de 27 anos, apareceu no Comando, no dia 20 de Fevereiro e disse que ouvira que as FPLM precisavam de uma pessoa que conhecesse bem aquela zona. Disseram-lhe que sim, e ele prontificou-se não só a acompanhar as tropas, mas, sobretudo, a dar informações que, segundo os militares, foram de valor estratégico.

O cantineiro Daniel Matusse, de 58 anos, é outro exemplo de repúdio popular ao banditismo. Ele tem utilizado o seu tractor para transporte de feridos aos Hospitais de Magude e de Xinavane, para além da comida que ele tem oferecido aos soldados nas semanas em que estes não recebem alimentação pelas vias normais.

Justino Timane, 50 anos, garantiu-nos, por seu turno, estar disposto a «vasculhar o mato com os camaradas».

E foi sempre este o ambiente que nos envolveu durante os 10 dias que permanecemos em Chinhanganine, à procura de bandidos armados.